

## ENTREVISTA COM MICHAEL LOWY, realizada pelo professor Sebastião Rodrigues Gonçalves<sup>1</sup>

Michael Lowy<sup>2</sup> é brasileiro, estudou na USP e atualmente reside na França, trabalhando na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais, em Paris. É Diretor de Pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. Publicou vários livros, inclusive muito utilizados por educadores brasileiros nas áreas de ciências sociais e humanas: *As Aventuras de Marx Contra o Barão de Münchhausen*; *Método Dialético e Teoria Política*; *Vida e a Guerra dos Deuses*; *Marxismo na América Latina*; *Política na América Latina*. Este último recebeu o prêmio “Sérgio Buarque de Holanda” na categoria Ensaio, cujo prêmio foi doado ao MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Em novembro de 2004 esteve em Foz do Iguaçu a convite de professores desta universidade, ocasião em que proferiu palestra sobre metodologia da pesquisa em ciências sociais.

A partir daquela palestra sempre mantivemos contato, principalmente quando ocorrem fatos de interesse da população brasileira.

**Sebastião** - O que você poderia informar a nós brasileiros sobre a situação da França nessa fase do capitalismo? Sabendo que a organização do capital transcende as fronteiras de qualquer nação, qual seria o caminho para que pudéssemos pensar uma educação que extrapole também as fronteiras dos interesses nacionalistas e não apenas uma educação tecnológica?

**Lowy** – 1) Situação na França: A França tem a vantagem de ainda ter um sistema de educação pública e gratuita, desde o primário até a universidade. O problema, na etapa atual do capitalismo neoliberal, é o crescente desemprego, a precariedade do trabalho e desvalorização dos diplomas. Os

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.

<sup>2</sup> Apenas como curiosidade: Lowy é descendente da tribo de Levi, filho de Jacó. (ver livro terceiro os chamados “Levíticos” e o quarto Chamado: “Números”)

jovens são as principais vítimas desse processo de “flexibilização” – isto é precarização – das leis trabalhistas. Daí a massiva mobilização dos estudantes e colegianos, com o apoio de seus professores, contra o chamado “Contrato Primeiro Emprego” (CPE); se tratava de uma medida através da qual o governo francês, direitista e partidário das “soluções” neo-liberais, tentou impor o direito dos patrões de demitir um jovem, durante os dois primeiros anos, sem ter que dar justificativa alguma. O CPE se tornou um símbolo da precarização neo-liberal, e o mundo da educação, alunos e mestres, se mobilizou, com o apoio dos sindicatos, obtendo uma importante vitória depois de dois meses de lutas, greves e manifestações – de até três milhões de pessoas – o governo teve que recuar e retirar a sua lei.

– 2) O combate para defender a educação das tentativas de controle de mercantilização do capital é um combate planetário. Ele é parte da luta do movimento de altermundialista para impedir que a saúde, a cultura, a educação, a água, a terra ou a natureza se transformem em mercadoria. A defesa da educação é, portanto, inseparável da luta internacional por “um outro mundo possível”, mais além do capitalismo e do neo-liberalismo.

**Sebastião** – Em relação ao desenvolvimento científico, como você está vendo esse paradoxo: de um lado o infinito progresso científico a serviço do capital e, de outro, (aqui no Brasil, por exemplo) muita gente desnutrida, até mesmo passando fome, sem emprego, com saúde precária, vítimas das ciências de mercado? Sobre as leis de patentes e direitos autorais, a ciência e a cultura não se tornam monopólio? Uma espécie de aristocracia cultural e científica?

**Lowy** – Resulta da lógica do capital que a própria ciência se torne mercadoria, e é submetida às exigências da concorrência e do lucro. O exemplo mais evidente são os organismos e sementes transgênicos, inventados por cientistas ao serviço de monopólios como a Monsanto e que visam expropriar os camponeses de suas sementes tradicionais, com dramáticas consequências sobre o meio ambiente.

Isto tem a ver com a própria racionalidade no capitalismo: se trata, como aponta a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (Adorno, Orkheimer, Marcuse) de uma racionalidade puramente instrumental, que se submete aos imperativos do fetichismo da mercadoria.

**Sebastião** – Você é um profundo conhecedor das lutas sociais do Brasil e da América Latina; quais as organizações sociais e movimentos do Brasil e AL que poderão caminhar em direção à uma unidade para apresentar alternativas à ciência e educação de mercado?

**Lowy** – Existem condições para uma ampla convergência em defesa da educação livre e gratuita como serviço público, contra a privatização, a mercantilização e o elitismo que reserva as escolas para a oligarquia. Sindicatos de professores e uniões estudantis devem assumir o comando deste combate, com apoio do movimento operário e camponês, que tem o mesmo interesse. Os foruns Sociais – do Brasil, das Américas e Mundial – são um importante terreno para articular uma ampla rede de luta, em cima da reivindicação “A educação não é um mercadoria”. Se não houver resistência organizada e combativa, o capital transforma as escolas em super-mercados de “cultura” enlatada.

**Sebastião** - Eu não sei se você está acompanhando, aí da França, mas nos parece que a grande parte dos movimentos sociais aqui do Brasil, - em especial a UNE – União Nacional dos Estudantes, que congrega estudantes universitários de todo o Brasil e o MST – Movimento dos Sem Terra, - foram cooptados pelas políticas de Estado. Quanto ao MST do Paraná, parece-nos que pensaram numa aliança com o Governo Requião, mas o que houve foi uma cooptação. O que você pensa de alianças com representantes do capital que têm interesses antagônicos aos princípios essenciais da existência humana?

**Lowy** – Não tenho muita confiança em representantes do capital “national” ou “democrático” ou “ecológico”. Mas entendo que qualquer movimento social necessita fazer compromissos e alianças para fazer avançar seus objetivos. Acho que a direção da UNE efetivamente já há tempo tem mostrado pouca radicalidade, e é uma das principais forças sociais no Brasil e na América Latina. Se todos os movimentos sociais - UNE, CUT, etc. tivessem o mesmo compromisso com os explorados e oprimidos que o MST, estaríamos em melhores posição na luta de classes no país.

**Sebastião** – Voltando um pouco atrás, quando você se referia às teorias críticas da Escola de Frakfurt (Adorno, Horkheimer e Marcuse): No fetichismo do imperativo do mercado, você poderia comentar um pouco o que significa essa submissão?

**Lowy** – 1 ) Como mostra Marx no “Capital” vol. 1, a mercadoria se transforma no capitalismo em um “fetiche”, um ídolo fabricado pelos indivíduos, mas que se autonomiza, se transforma em entidade com vida própria, numa divindade que é adorada. Na etapa neo-liberal do capitalismo, este fetichismo atinge seu ponto mais alto, uma religião intolerante que exige submissão de todos e também sacrifícios humanos, como os ídolos Beal e Mammon na Antigüidade. Os pobres, os excluídos, os habitantes do terceiro mundo são sacrificados no altar dos ídolos “lei de mercado”, “dívida externa”, “mercado financeiro internacional”, e “superávit fiscal”

– 2 )A crítica da Escola de Frankfurt, que renovou profundamente o pensamento marxista do século XX, aponta para o fato de que a racionalidade científica e técnica, na sociedade capitalista, não é substancial, não visa uma organização racional da economia e da sociedade, em função das necessidades humanas, mas é apenas um instrumento para aumentar a produção e garantir os lucros do capital. Os exemplos mais terríveis desta “racionalidade instrumental” foram, no século 20: a) os campos de concentração nazistas, em que a ciência e a técnica modernas foram colocadas ao serviço de objetivos completamente irracionais, como a exterminação de judeus e ciganos; b) a bomba atômica americana sobre Hiroshima e Nagasika: as mais modernas descobertas da ciência e da técnica ao serviço de um crime de guerra bárbaro.

**Sebastião** – Para concluir nossa conversa, tenho duas questões: a primeira em relação à educação; será que ela poderia contribuir com uma outra racionalidade para além do capital, conforme pensa István Mészáros? A segunda: seria possível pensar a diferença do trabalho e emprego numa sociedade de mercado onde impera a propriedade privada dos meios de produção e onde o próprio trabalho é uma mercadoria?

**Lowy** – 1) Uma educação humanista, baseada em valores democráticos, uma educação para auto-desenvolvimento dos indivíduos, uma educação para a liberdade e a solidariedade, sem dúvidas pode contribuir para uma racionalidade autêntica. Mas não menos importante, como já o explicava Marx, é a auto-educação dos oprimidos, através de sua própria experiência de organização e luta...

– 2) No capitalismo o trabalho é mesmo, para a grande maioria dos explorados, um trabalho alienado: a força de trabalho, simples mercadoria, é vendida a um patrão, que a utiliza à sua discrição. Só em alguns “oásis”, como sejam cooperativas de economias solidárias, ocupações ou acampamentos de camponeses organizados, fábricas em auto-gestão, etc, pode o trabalho ganhar uma outra dimensão humana. Mas em última análise é a mudança do sistema social que permite dar um outro sentido ao trabalho humano.

**Sebastião** – Obrigado pela entrevista e um agradecimento especial de todos os professores do Centro de Educação e Letras do Campus de Foz do Iguaçu.